

# ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: UMA LEITURA ACERCA DO LUGAR DOS INDÍGENAS GUARANI

Ilma Regina Castro Saramago de Souza<sup>1</sup>

FAED/UFGD

## Resumo

Os registros escritos apontam que a colonização dos indígenas Guarani ocorreu no final do século XVI e início do século XVII. Encontrados inicialmente pelos espanhóis e posteriormente pelos portugueses, os indígenas sofreram todos os tipos de abusos e opressões, inclusive em nome da civilização foram obrigados a abandonar a sua língua, a sua cultura e religião. Donos de um saber milenar tanto na arte quanto na zoologia, botânica e medicina perderam seu espaço social e geográfico. Como estranhos em sua própria terra tornaram-se escravos, passando a servir de todas as formas os interesses daqueles que os colonizaram. Nessa perspectiva, este estudo é resultado das reflexões e inquietações que surgiram durante o Seminário “Tópicos em Educação: Leituras de Norbert Elias”, ministrado pelo Prof. Dr. Cas Wouters, da Utrecht University na Holanda, promovido pelo Grupo de Pesquisa Processo Civilizador da Universidade Federal da Grande Dourados. O trabalho busca refletir e discutir, a partir das elucubrações elisianas, as relações e as aproximações existentes entre os conceitos estabelecidos e outsiders e o contexto histórico dos indígenas Guarani.

**Palavras-chave:** Colonização. Processo civilizador. Estabelecidos. Outsiders.

## Introdução

Este trabalho teve início a partir do Seminário “Tópicos em Educação: Leituras de Norbert Elias”, ministrado pelo Prof. Dr. Cas Wouters, da Utrecht University na Holanda, promovido pelo Grupo de Estudos Processo Civilizador da Universidade Federal da Grande Dourados. As discussões e provocações feitas durante o evento instigaram-me a pensar nas relações e aproximações dos indígenas Guarani e Kaiowá com os estudos de Norbert Elias, em especial referentes aos conceitos e “ensaios teóricos” de os estabelecidos e outsiders.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do Grupo de Estudos e pesquisa em Educação Inclusiva (GEPEI). Realiza pesquisas voltadas para a temática da Educação Escolar Indígena.

Neste caminho, alguns questionamentos foram levantados dos quais se destacam: Qual o contexto histórico-social dos indígenas Guarani e Kaiowá? É possível fazer relações e aproximações entre os indígenas Guarani e Kaiowá e a perspectiva de estabelecidos e outsiders discutida por Elias (2000)? Nessas categorias em que lugar encontram-se esses dois grupos? Mediante essas inquietações esse texto objetiva refletir e discutir, a partir das elucubrações elisianas, as relações e as aproximações existentes entre os conceitos estabelecidos e outsiders e o contexto histórico dos indígenas Guarani.

Para o desenvolvimento do estudo foi utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa, com base no estudo bibliográfico, bem como nas pesquisas realizadas pela autora desde o ano de 2012 (SOUZA 2013; 2014; 2015).

Vale lembrar que as reflexões aqui realizadas não se esgotam, pelo contrário apenas são iniciais na esperança de que novas reflexões e discussões sejam provocadas a respeito do lugar atual que ocupa os grupos Guarani e Kaiowá.

### **Considerações histórica e cultural do povo Guarani e Kaiowá**

A história do povo Guarani é milenar, portanto somente registradas a partir dos séculos XVI e XVII. Encontrados pelos espanhóis que subiam o Rio da Prata, nas regiões dos rios Uruguai, Paraguai, Paraná e Paranapanema, o Guarani se constituía num grupo numeroso espalhado por várias tribos.

Torres (1993, p. 11) aponta que a cultura do povo Guarani é bem “elevada”, o que reflete na sua religião, sua moral, seus conhecimentos cosmológicos, na sua arte e na sua ciência. Além disso, possuem significativa organização familiar, social e política. Os Guarani criaram classificação e nomenclaturas para todas as espécies da zoologia e da botânica enriquecendo, assim, as ciências naturais. Tal habilidade comprova não somente a sua sabedoria nessa área, mas também a riqueza da sua língua.

Para o autor, toda a humanidade se beneficiou do conhecimento indígena, dentre os benefícios destaca-se as práticas do cultivo agrícola.

La humanidad se benefició del conocimiento y práctica de cultivos que los Guaraní-Tupi hacían de numerosas especies agrícolas; bástenos citar: la mandioca, el kára, la batata, la papa, porotos, maíz, um arroz silvestre [...], algodón, tabaco, conocían y usaban el cacao, la yerba mate, el guaraná, el palmito, cultivabam legumbres (como

el tajaó, uma espécie de col; etc), condimentos (ajís, pimentas, vainillas, un azafrán: arasó) (Torres, 1993, p. 12).

A variedade não estava somente nas raízes, grãos, legumes, condimentos e outras espécies, mas nas frutas como abacaxi, banana, mamão, goiaba, araticu, sapoti, guavira, dentre outras. As plantas medicinais como a quina, a coca, os azeites, bálsamos, resinas e as ceras eram utilizadas para tratamentos das doenças e completavam a abundância oferecida pela natureza.

Os indígenas dominavam a floresta e delas retiravam as plantas medicinais diuréticas, vermífugas, parasiticidas, anticéptica, repelentes, sedantes, antiespasmódicas, antirreumáticas, abortivas, digestivas, hepática, expectorantes, etc. Embora, ainda, não houvesse a ciência com as experimentações e metodologias definidas pela academia, os Guarani, em especial os pajés<sup>2</sup> diagnosticavam e tratavam as doenças do seu povo.

Quanto à arte, Torres (1993) destaca que os Guarani sempre dominaram diversas habilidades tanto no que se refere aos ornamentos, a cestaria, a cerâmica e na tessitura do junco e outras fibras. Eram eles, ainda, hábeis na arte da caça, da pesca, da navegação, da guerra, da música, da dança e da oratória.

A conservação de alimentos era um fator importante, visto a quantidade de alimentos que possuíam, para isso usavam métodos naturais. “Los Guaraní conocían métodos de conservación de alimentos: de carne y pescados, por el moka’ê: asar a fuego lento y ahumar; la conservación de raíces y tubérculos em trozos secados” (TORRES, 1993, p. 96).

A organização social do povo Guarani é regida pelo patriarcalismo. As famílias aparentadas viviam em casas comunais, isto é, em grandes malocas<sup>3</sup>. O grupo macro familiar era unido sócio-economicamente e auto suficientemente, pois “disponían de fogón, roza, caza, pesca, trabajo colectivo em común” (TORRES, 1993, p. 165).

Nessa construção social os indígenas se constituíam enquanto lideranças e protegiam-se mutuamente. Aprendiam e ensinavam suas crenças, sua religião, sua língua e sua cultura para os indígenas mais jovens, assim, milenarmente se estabeleciam enquanto sujeitos da sua história.

---

<sup>2</sup> Líderes espirituais responsáveis para diagnosticar doenças e tratá-las conforme a sabedoria da medicina florestal.

<sup>3</sup> Casas típicas dos indígenas, construídas com madeiras e palhas retiradas da floresta.

A colonização trouxe para os indígenas Guarani transformações significativas, pois mediante explorações e escravidão foram obrigados a saírem dos territórios onde viviam e caminharem para locais distintos em busca de segurança e sobrevivência. Não somente a língua e a cultura foram desestruturadas, mas a organização material, social e política original do povo.

A partir das investigações dos colonizadores, religiosos ou não, verificou-se que o povo Guarani está dividido em grandes grupos que, apesar da semelhança, se distinguem linguística e culturalmente. Schaden (1974) aponta que os Guarani do Brasil Meridional se divide em três grandes grupos: Ñandeva, M'bya e Kaiowá<sup>4</sup>.

Atualmente esses grupos estão localizados em aldeias, reservas e acampamentos espalhados em diversas regiões do Brasil como Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Em algumas dessas regiões os indígenas vivem de forma precária tanto socialmente como no que diz respeito à saúde, conforme relata Schaden (1974).

As condições de saúde não são boas. Nas aldeias do litoral, por exemplo, muitos sofrem de malária, doenças venéreas, gripes frequentes, etc. Os Kayová de Mato Grosso são dizimados pela tuberculose, que entre eles se propaga com facilidade, não somente por falta de asseio, como pelo costume de muitas pessoas comerem a um mesmo tempo nos mesmos pratos ou cuias, de prepararem a chicha [...], de não dispensarem o chimarrão e, sobretudo o tereré (bebida de mate, com água fria, tomada com bombinha de sucção) e finalmente pelas danças noturnas ao ar livre (SCHADEN, 1974, p. 22).

A descrição de Schaden (1974) quanto à saúde dos indígenas Guarani e Kaiowá se acentua, em especial pela vulnerabilidade em que vivem cotidianamente, e, embora, tenham do governo um órgão específico para cuidar da sua saúde o atendimento médico é escasso.

Na cidade de Dourados, em Mato grosso do Sul, os Guarani e Kaiowá estão confinados em Reserva (Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa), que ficam aproximadamente a cinco quilômetros do centro urbano. O espaço territorial dos indígenas não é mais adequado e suficiente para a plantação e cultivo de medicamentos naturais, o que os obrigam a fazer uso dos medicamentos industrializados. Na maioria das vezes, e conforme o diagnóstico da doença, feito pelos médicos não indígenas, os medicamentos tem alto valor financeiro e não corresponde a realidade social e econômica do povo.

---

<sup>4</sup> Aqui a forma de escrita dos nomes grupos segue a referência de Schaden (1974), portanto em outros momentos do texto será utilizada a escrita Kaiowá para o nome do grupo.

Além de não cultivarem mais ervas e plantas medicinais, não possuem mais as suas grandes roças comunitárias, até mesmo por que a família extensa, que vivia junta em malocas foi reconfigurada, pois a partir do confinamento foram construídas casas separadas, onde vivem apenas os membros da família nuclear.

Não há mais a riqueza da pesca e da caça, pois o desmatamento para a plantação da soja, do arroz e da cana de açúcar tomou conta das extensões territoriais. Atualmente os indígenas são trabalhadores nas potentes fazendas. Muitos chefes de família precisam sair para trabalhar em fazendas longínquas e ficam até 45 dias fora de casa, onde deixam suas famílias sem o suprimento básico de suas necessidades, já que desse trabalho vem à única fonte da renda (SOUZA, 2014).

Aqueles que não trabalham nas fazendas, o fazem na cidade como auxiliares de pedreiros, coletores de lixo. No caso das mulheres indígenas, algumas delas trabalham como domésticas na casa de famílias não indígenas ou pedem alimentos nas casas dos não indígenas que moram na cidade. Junto com seus filhos essas mulheres transitam pela cidade tendo como transporte a bicicleta ou a carroça puxada por um cavalo.

O uso do álcool e de outras drogas, em especial entre os jovens indígenas, tem sido crescente, o que resulta em violência das mais diversas ordens. Observa-se, atualmente, no cenário indígena um descompasso completo entre o que significava ser indígena no passado e o que é ser um sujeito indígena em meio a tantos desafios, transformações e hibridizações (CANCLINI, 2008).

### **Estabelecidos ou Outsiders? Perspectiva elisiana e os Guarani e Kaiowá**

Na apresentação da obra de Elias (2000, p.7) Frederico Neiburg ensina que “as palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígios e poder”. Para ele um *establishment* “é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência”.

Por outro lado Neiburg destaca que na língua inglesa a palavra *outsiders* se define como “os não membros da ‘boa sociedade’, os que estão fora dela”. Pois, “trata-se de um conjunto

de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *establishment*”.

Ao estudar uma cidade com o nome fictício de Winston Parva Elias (2000) observa nesse local, a existência de dois grupos distintos os quais ele denominou de os estabelecidos, que provêm da palavra *establishment* e os outsiders. O autor descreve que o grupo com menor tempo na cidade, isto é, os que chegaram posteriormente ao primeiro grupo, eram estigmatizados e considerados como “pessoas de menor valor humano”. No entanto, o grupo que já morava na cidade há mais tempo se autorepresentavam como humanamente superiores.

Para Elias (2000), um grupo pode se denominar superior ao outro grupo interdependente dele, nas mais diversas esferas.

Quer se trate de quadros sociais, como senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação as mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativos impotentes, quer, como no caso de Winston Parva, de uma povoação da classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança (ELIAS, 2000, p, 19,20).

Embora Norbert Elias não trate das questões indígenas em seus estudos, a partir das suas elocubrações percebe-se que essa população pode ser contemplada, pois ao longo dos anos tem sido referenciada socialmente, pelos não indígenas, como os bárbaros, brutos, selvagens e sem cultura. Nesse caso, como aponta Elias (2000, p. 20) aqueles indivíduos que se consideram superiores “podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores de sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores”.

Nesse movimento, o grupo superior recusa a relacionar-se com o grupo inferior, o que com o tempo começa a aceitar a indiferença daquele como “uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justifica, em termos de sua conduta efetiva” (ELIAS, 2000, p.20).

Os moradores de Winston Parva, segundo Elias (2000) não apresentavam diferenças em nacionalidade, ascendência étnica, cor, raça entre os residentes das duas áreas, nem sequer possuíam diferenças quanto a sua ocupação, sua renda, seu nível educacional ou social, a diferença estava no tempo de instalação na cidade entre um e o outro grupo.

Sendo assim, o que caracteriza a inferioridade do indígena e/ou a superioridade do não indígena? Quais são os elementos para os parâmetros entre ambos? Diferentemente de Winston Parva que tinha como parâmetros entre os superiores e inferiores apenas o tempo de habitação na cidade, para os indígenas e os seus colonizadores a inferioridade daqueles e a superioridade desses está na história, pois ainda que os indígenas Guarani e Kaiowá tenham chegado primeiro nas terras onde habitavam, portanto deveriam ser superiores nesse quesito, foram colonizados por sujeitos que já se consideravam infinitamente superiores tanto na diferença de raça, de renda, como nos aspectos educacionais e sociais.

Ao chegarem ao território onde se encontravam os indígenas, os portugueses e espanhóis descaracterizaram toda superioridade tradicional dos indígenas. Com evidente relação de poder não respeitaram o seu bem material, cultural e linguístico. Pelo contrário, os recém-chegados, que deveriam ser considerados outsiders, impuseram a sua língua, sua cultura, sua religião, estigmatizando os indígenas e caracterizando-os como sujeitos, preguiçosos, selvagens e sem alma (VILLAS BÔAS, 2005).

Elias (2000, p. 23,24) destaca que “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posição de poder”. O estigma é destrutivo, enfraquece e desarma o sujeito “o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso enfraquecê-lo e desarmá-lo”.

O estudioso afirma que os termos pelos quais os estabelecidos estigmatizam os outsiders se destinam para envergonhá-lo por eles não ficarem a altura das normas do grupo superior e por não saberem se organizar nela. Desse modo são considerados como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros.

Para Elias (2000) existem alguns sintomas de inferioridade humana, definidos pelos estabelecidos com relação aos outsiders. Dentre os sintomas está a relação de forças que é gerada pela própria condição e posição de serem outsiders, bem como pela humilhação e opressão gerada muitas vezes pela pobreza, isto é, pelo baixo padrão de vida que têm.

Esse sintoma, apontado pelo autor, fica muito claro na realidade da população indígena Guarani e Kaiowá quando nas ruas da cidade de Dourados mendigam, retiram lixo das casas dos não indígenas para a sua sobrevivência diária, ou até mesmo quando são vistos alcoolizados nas calçadas das ruas douradenses. Tais fatos envergonham, desmerecem,

desqualificam, estigmatizam e discriminam aqueles que no passado recente foram estabelecidos em suas terras, em suas culturas, em seu modo de ser e de viver.

Outsiders em sua própria terra, nessa a qual chegaram primeiro, os Guarani e os Kaiwá sofrem constante opressão, preconceito e exclusão. Sua trajetória histórica está marcada por pedras ou quem sabe apenas uma “pedra no caminho”, da qual se refere Carlos Drummond de Andrade.

### **No meio do caminho**

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Embora, o poema pareça simplesmente um jogo de palavra e trocadilhos poéticos entre os substantivos “caminho”, “pedra” e o verbo “ter”, no contexto indígena dos Guarani e Kaiowá tem um significado amargo, do qual somente quem passou do lugar de estabelecido para outsiders pode compreender.

### **Algumas considerações**

O povo Guarani e Kaiowá tem a sua trajetória histórica marcada por riquezas linguísticas e culturais. Sendo um dos primeiros povos indígenas a chegar às terras brasileiras eram estabelecidos quanto ao território que lhes forneciam não somente a variedade de alimentação, mas de plantas medicinais, de sabedoria social, política e religiosa.

No entanto, a chegada do novo grupo - os colonizadores - em sua terra, resultou na exploração de seus bens materiais, bem como na imposição religiosa e educacional. Ainda que com conflitos, tensões e resistências os indígenas não conseguiram evitar tal situação, Seu lugar de estabelecido foi transformado, e agora ocupam o lugar de outsiders.

Tal transformação tem sido fortemente visível, pois se apresenta na pobreza, no estigma, na exclusão dos indígenas que para sobreviverem, sem escolhas, comem as sobras

encontradas no lixo da “sociedade superior”. De estabelecidos a outsiders os Guarani e Kaiowá prosseguem com uma “pedra no seu caminho”, da qual não há tempo determinado para ser retirada.

### **Referências**

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TORRES, Dionisio Gonzalez. **Cultura Guarani**. Asuncion, Paraguay, 1993,  
SCADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1974.

SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago de; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Leitura e Escrita no Contexto Indígena: Perspectivas e Desafios**. In: BRUNO, Marilda Moraes Garcia; OLIVEIRA, Ozerina Victor de. Educação Escolar Indígena, Diferença e Deficiência: (Re) Pensando Práticas Pedagógicas. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.

\_\_\_\_\_, Ilma Regina Castro Saramago de. **“Ainda não sei ler e escrever”**: um estudo sobre o processo de leitura e escrita nas escolas indígenas de Dourados, MS. Dourados-MS: UFGD, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS, 2014.

\_\_\_\_\_, Ilma Regina Castro Saramago de Souza de; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Políticas de educação no contexto indígena: Discursos e práticas**. In: Revista Educação e Políticas em Debate – v. 2, n. 1 – jan./jul. 2013.

VILLAS BÔAS, Hariessa C. **Mineração em terras indígenas: a procura de um marco legal**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT/CNPq/CYTED/IMPC, 2005.